

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA



Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinaturas: Incluindo o suplemento sa-
manal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 me-
ses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses
66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2356

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SEXTA FEIRA, 6 DE AGOSTO DE 1925

Inocêncio Camacho, governador do Banco de Portugal, quer processar "A Batalha"

Não tememos as ameaças dos Inocêncios nem de outros que tais. Elas não nos impedem de afirmar que a emissão clandestina de notas, em que o Angola e Metrópole colaborou, é um simples incidente da longa série de emissões secretas da responsabilidade exclusiva do Banco de Portugal.

Inocêncio Camacho, ministro das Finanças, chegou a ordenar a ele próprio, Inocêncio Camacho, governador do Banco de Portugal a emissão clandestina de notas!

«Queremos—dizíamos no nosso artigo de ontem—toda a verdade a nu, quer ela doa aos do Banco Angola e Metrópole, quer aos do Banco de Portugal. O que não podemos admitir é que se entrem uns para salvar outros—os piores, aqueles que pela sua situação eram depositários da confiança de todos os que as suas mãos confiavam o produto da sua canseira, da sua faina diária».

Os sofrimentos, as misérias, a labuta do povo que trabalha, do que desce à mina ou anda empoleirado nas alturas dos andames, do que lava e semeia, sob a chuva que rega e sob o sol ardente que queima, transformam-se, devido à engrenagem económica da sociedade capitalista, em valores convencionais que nominalmente pertencem ao país, ao povo inteiro, mas que de facto, sob um aspecto colectivo, estão na posse de uma casta burguesa e endinheirada que se enriqueceu no Banco de Portugal. Entretanto, de direito, todos os valores que o Banco de Portugal contém representam a riqueza colectiva de um povo que trabalhou, que produziu. Num regime social mais justo o rendimento daqueles valores, os seus equivalentes, em vez de ficar em mãos poucas de uma minoria endinheirada, reverteria a favor da colectividade.

Os funcionários dirigentes daquele estabelecimento de crédito são pessoas que se julgaram de honestidade indiscutível e às quais o Estado confiou a guarda desse tesouro.

Desviar, falsificar, diminuir, furtar esses valores é, sob o ponto de vista social, atentar contra os direitos do povo, é lezar o próprio povo.

Ora, desde longa data, muito antes de surgir o escândalo Angola e Metrópole, que os dirigentes do Banco de Portugal, nomeadamente, Inocêncio Camacho Rodrigues, vem falsificando a moeda nacional, representativa do trabalho colectivo de todo o povo trabalhador português.

O caso Angola e Metrópole é um incidente da longa série de emissões clandestinas de notas que vem sendo feitas descaradamente, de há longos anos para cá.

O facto de a emissão das notas de 500 escudos chapa «Vasco da Gama» ter sido feita com a intervenção de Alves Reis, ou melhor do Banco de Angola e Metrópole, explica-se, claramente pela razão de este negócio ser de maior vulto, se destinara às colónias onde o Banco de Portugal não tem obediência, e de ser preciso, portanto, arranjar-se um intermediário arrojado, e firme. Para as outras emissões Alves Reis

não era preciso. Tudo aquilo ficava em família. Uma portaria confidencial de um ministro e o resto bem sabia o sr. Inocêncio Camacho como se arranjava.

Julgam, porém, o governador do Banco de Portugal e seus companheiros que escapam do desprezo público, acolhendo-se à sombra do gigantesco vulto que investigadores maldadeiros e dóceis construíram com a chamada burla do Angola e Metrópole.

Não escapam, porque nós cá estamos para afirmar bem alto que a emissão ou melhor as emissões (porque foi mais de uma) em que o Angola e Metrópole colaborou foram simplesmente algumas da série interminável de emissões da responsabilidade exclusiva dos dirigentes do Banco de Portugal e de um ou outro ministro papalvo.

Escusa o sr. Inocêncio Camacho de andar a ameaçar-nos com muitos processos que façam suspender «A Batalha», porque nós não o tememos. Conhecemos-lhe demasiado todos os negócios fraudulentos, todas as supostas companhias, todas as burras bem engendradas em que tem entrado, para nos calarmos sem lhes publicarmos aqui, em normando, cumprindo, assim, o nosso dever de bem informar o público e de lhe apontar o carácter, a moral ava-

riada da pessoa que tão mal lhe guarda a riqueza colectiva.

Que nos importa que o sr. Inocêncio Camacho—como anteontem aconteceu—diga ao sr. Alberto Xavier, lá da panelinha, lá do câmbio, que está disposto a aniquilar-nos com um processo? Acaso julgá-lo esse cavalheiro que nós não lhe conhecemos os poderes, que não seremos capazes de lhe apresentar em pleno tribunal nas bochechas e em público, nestas colunas, para toda a gente o conhecer?

Sabemos de que «ronhas» o sr. Inocêncio se serve para trepar na vida. Mas não temos contemplações pela sua pessoa, que não nos-las merece. Compreende-se, embora seja um crime, que a justiça a quem foram entregues as investigações, para salvar, não a honra do sr. Inocêncio Camacho, mas a do governador do Banco de Portugal, atribua todas as culpas aos homens do Angola e Metrópole. Procedem assim para salvar a honra do convento. O prestígio do Estado capitalista estava nas mãos dos investigadores e estes, para não o abalarem, fecharam os olhos à luz da verdade, organizaram as coisas de maneira a apresentar ao público como réus, apenas os do Angola e Metrópole. Sobre os cúmplices, os do

Banco emissor, lançou-se o manto da «honrabilidade indiscutível».

Mas nós não somos investigadores. Nós somos a voz acusadora do povo. Não temos consideração por burlões, quer eles sejam da confiança do Estado, quer não. Aos primeiros, aos da confiança pública que dessa confiança abusaram, que têm, portanto, maiores responsabilidades, acusamos de preferência. Quanto maior é o inimigo, maior prazer sentimos em abatê-lo, melhor serviço prestamos ao povo que em nós confia.

Se Alves Reis, se confiarmos nessa justiça que vê só para uma banda, colaborou na emissão das notas de 500 escudos, é um criminoso, que diremos nós do sr. Inocêncio Camacho que há cerca de seis anos vem emitindo notas, secretamente, sem que ninguém o incomode? Como classificar o sr. Inocêncio Camacho, governador do Banco de Portugal, que se aproveitou da casualidade de ser ministro (ser ministro é uma casualidade) para ordenar, ele ministro, a emissão clandestina de notas de 500 escudos, a emissão secreta de papel moeda?

Se Alves Reis está na cadeia, porque não está o sr. Inocêncio Camacho?

Mas admitindo mesmo—desçamos até à máxima condescendência—que este caso é

das notas de 500 escudos é da responsabilidade exclusiva do Angola e Metrópole. Dêmos de barato este caso que tão caro nos tem saído. E as outras emissões anteriores? Quem responde por elas? Os governadores do Banco de Portugal.

E é para salvar esta gente que há oito meses se está lançando poeira nos olhos do povo. E para livrar da cadeia um Inocêncio Camacho que se comete o crime de prender quem encobridora uma mulher cujo crime é de ter sido esposa.

Não temos, não podemos ter consideração pelos homens do Angola e Metrópole. Mas os do Banco de Portugal, leitores, são muito mais repugnantes, porque são os bandidos poderosos, porque são os criminosos donos da justiça.

Perante eles vergem-se os governos e os magistrados. Eles são tão fortes que ousam até ameaçar-nos, a nós, que somos, no meio desta enxurrada de imundície que alagou a sociedade portuguesa, a única voz que se ergue firme e clara, a única voz que acusa sem tibiezas.

O sr. Camacho quer processar-nos. Coitado, chegamos a ter dó dele. Processar-nos, homem; vá, meta-nos na cadeia!... Ora, o pignem...

REGALIAS AMEAÇADAS

O povo trabalhador deve obstar a que triunfe a manobra do patronato tendente a anular-lhe as oito horas de trabalho

O comércio e a indústria que, por falta de iniciativa e de competência, impeliram o país para a afiliva situação económica em que se encontra, só têm argúcia e só empregam esforços desesperados quando se trata de arrancar ao operário as suas regalias mais justas e humanas.

Não procuram no desenvolvimento, no aperfeiçoamento dos trabalhos a compensação de perdas ou a satisfação dos lucros. Quem tudo há de pagar, no seu entender, é o operário, o trabalhador, aquele que nada pode perder, porque já tudo lhe tiraram.

Funda-se, por exemplo, uma fábrica de tecidos. Os salários são miseráveis, os trabalhadores, auferindo uma miséria, vivem num estado deprimido que os afecta moral, intelectual e fisicamente. Chegado ao fim do ano o patrão faz o balanço. Os lucros foram escassos ou mesmo fartos, não responderam, enfim, à sua expectativa. Que faz o patrão? Desenvolve a indústria? Aperfeiçoa um maquinismo? Paga melhor ao operário para que ele tenha forças e disposições de espírito para lhe dar mais e melhor trabalho? Não! Faz precisamente o contrário. Tenta baixar-lhe os escassos proventos e aumentar-lhe o número de horas de trabalho.

Neste momento, presente-se por parte do patronato a intensão de lançar-se numa ofensiva brutal contra o horário de trabalho. Julgando-se apoiado na actual situação política, esfrega já as mãos de contentamento. Conta pôr as espadas ao serviço dos seus sordidos interesses de classe privilegiada.

O governo perante as exigências que o patronato se prepara para lhe formular, e que já vai formulando por intermédio da sua imprensa, fica numa situação melindrosa. Ou atende e risca da lei a justa regalia das oito horas de trabalho, declarando guerra ao proletariado, ou mantém essa regalia, cumprindo um dever de governo de país civilizado.

Os operários não devem confiar nos governos nem no patronato para defesa das suas regalias. Os primeiros inclinam-se sempre a favor dos segundos e estes, por antagonismo de interesses, pensam sempre em anular aos operários todas as suas conquistas.

Para a defesa da regalia tão hu-

mana, tão justa das oito horas de trabalho devem os operários preparar-se quanto antes, já por sessões, já por declarações perentórias, categóricas, firmes junto dos governantes e junto dos patrões, de que não estão dispostos a perdê-la.

Aos sindicatos compete desde já iniciar trabalhos neste sentido para que o povo trabalhador não seja colhido de surpresa por qualquer manobra vil da burguesia capitalista.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.

No Sertão d'África (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

AVISO À POPULAÇÃO

Vai fazer-se a repressão de cães, gatos, galinhas, patos, etc.

O aviso fê-lo ontem, em reunião da comissão administrativa do Município, o vereador militar, sr. Veiga e Sousa. A sua declaração foi enérgica: para limpar a cidade de tanto lixo que a sufoca, vão ser capturados todos os cães, gatos, galinhas, patos, todos os animais que sejam encontrados fora de casa—e fora de horas. Os seus proprietários serão multados consoante ordenam as posturas—porque as posturas não se referem unicamente às galinhas; diante da postura todos os animais são iguais. Avisava, por isso, a população. E o sr. Veiga e Sousa expôs razões que são atendíveis como as necessidades de higiene e sanidade da capital—e as bibliotecas nos jardins. Disse o sr. Veiga e Sousa:

Em vários pontos da cidade nos últimos tempos tinham aparecido cães e gatos infeccionados de raiva, pelo que apresentava a seguinte proposta:—Que a Repartição de Higiene seja autorizada a construir três veículos destinados a recolher e transportar os cães e gatos capturados na via pública, não devendo as despesas respectivas exceder 12 contos. Mais propunha o orador: que a 9.ª Repartição faça evacuar, e entregue dentro de 15 dias, o local onde é actualmente recolhido o gado dos horticultores que concorrem ao Mercado Agrícola; que seja imediatamente aberto concurso para aquisição de 479.100 quilos de fava, 2.110 de milho, 361.200 de aveia e 1.136.400 de palha de trigo. Estas propostas foram aprovadas por unanimidade.

PARA VERGONHA DA NOSSA ESPÉCIE

Está-se realizando frequentemente com os recém-nascidos nas enfermarias de parturientes do hospital de São José um repugnante tráfico de crianças

O que o nosso «reporter» viu e ouviu.—A irresponsabilidade do pessoal hospitalar no vergonhoso caso

O hospital de São José, a hora matutina oferece ao visitante um quadro de dor, de uma tonalidade impressionante.

No átrio do hospital, aguardando a admissão nos hospitais civis, uma multidão de doentes, rostos macerados, expressão de tragédia, comprime-se ali à espera que o chefe da repartição dos aceites sr. Laia lhe diga, mais uma vez, que ainda não há vagas, que voltem no dia seguinte porque talvez se consiga a admissão de alguns doentes.

Mais adiante, junto ao banco, novos proscrições esperam também o momento dos clínicos que ali fazem serviço os recebem.

O espectáculo é inedito. Há choros convulsivos, há lamentações que conturbam. Dir-se-ia que a sorte daqueles proscritos tem ali a sua expressão máxima.

Há dias numa missão profissional assistimos a esse espectáculo. Retiravamos-nos deprimidos, mas um outro facto aguçou a nossa curiosidade. E quer o leitor saber de que constava este novo facto?

Um diálogo denunciador

Alguns dos circunstantes discutiam com paixão o caso do resgate de uma criança feita na enfermaria depósito do hospital de São José. Mas daquela algaraviada pouco se compreendia. As frases saíam incompletas. Uma para exemplo:

—Essa megera deu 200\$00 pela criança...

Aproximamo-nos. Os circunstantes, a pesar de toda a nossa dissimulação, desconfiaram. Recearam que viessemos publicamente revelar a infâmia.

O acaso, porém, é sempre o protector do jornalista. Um amigo que deparámos, e que nos hospitais desempenha uma função superior, é a pessoa que nos deve explicar todo o intrincado caso.

E nesse desejo dirigimo-nos a esse amigo para arrancar dele a preciosa confissão. Ainda não tínhamos confessado os nossos propósitos, quando nos foi fornecida a seguinte indicação:

A mulher misteriosa

—Aquele mulher que ali vai—e com o indicador apontava para uma mulher de mediana estatura, tez morena e modestamente vestida, que levava nos braços uma criança—acaba de convencer uma desgraçada mãe, que há dias deu à luz uma criança, a entregar-lhe o filho.

—Mas como é possível realizar-se isso, aqui no hospital?—inquirimos com certa estupefacção.

—Não sei. Isso não é da minha competência. E mais não disse o nosso amigo. Esse facto trouxe de novo o incongnito do caso. Como destruí-lo?

Resolvemos seguir a mulher misteriosa e sem grande dificuldade conseguimos apurar que essa mulher se chama Eufemia de Jesus, casada, doméstica, moradora no largo do Terreiro do Trigo, 76, 3.ª, terceira porta.

Como se chama a criança de que ela era portadora? António da Costa, nascido no dia 26 de Julho, às 21 horas. E a filiação deste pequeno?

Era o que nos convinha saber. Adiante.

O tráfico das crianças

Era mister voltar ao hospital de São José. Só aqui é que nos poderia ser indicada a filiação da criança. Assim foi. A criança é filha de Maria da Glória Costa, 22 anos, solteira, doméstica, natural de Bragança, freguesia de Santa Maria, e actualmente domiciliada na rua do Duque, 17, 3.ª.

Esta pobre criatura é uma das muitas infelizes que o Destino arremeça para a enfermaria das parturientes do hospital de São José, na hora da delivração.

Ali se encontrava quando lhe surgiu, quasi inopinadamente, Eufemia de Jesus, que por artes diabólicas a convenceu a entregar-lhe o seu filho. A desgraçada, sem recursos para alimentar a criança, cedeu ao convite de Eufemia. E a criança foi entregue a esta mulher sem qualquer formalidade.

Amanhã esta senhora Eufemia, que não conhecemos, não sabendo, por isso, com que intenções solicitou a criança, pode muito bem ser a mais severa das pessoas para o pequeno António da Costa. E quem terá idoneidade para a chamar à responsabilidade se ela não firmou nenhum compromisso?

Deve pôr-se termo a este infame mercado

Mas o caso não é virgem. O resgate de crianças é quasi o pão nosso de cada dia. Ainda não há muito tempo um pequeno, de nome Rui Maia, filho de Maria Aveleiro Maia, foi resgatado por 200\$00!

Uma pessoa, cuja idoneidade é muito duvidosa, comprou a uma desgraçada seu filho por 200\$00!

Este absurdo foi-nos revelado no próprio hospital por pessoa que conhece o caso como nós conhecemos os nossos dedos.

Porque não se tomam providências para evitar este vergonhoso tráfico de crianças? Porque não se determina a proibição deste mercado, que é o maior insulto ao século em que vivemos?

Convém deixar aqui afirmado que tanto o pessoal clínico como o pessoal de enfermagem dos hospitais civis não tem a mais leve responsabilidade neste tráfico de crianças.

A compra dos recém-nascidos é feita na ocasião do resgate. Quem a deseja realizar invoca a sua falsa qualidade de padrinho da criança e apodera-se dela por processos iguais aos que fizemos mensão.

Emquanto o problema da protecção à criança for a ficção que é ainda a melhor forma de acautelar essas crianças é responsabilizando os seus tutores.

Aos tutores das crianças fornecidas pela Misericórdia de Lisboa, é-lhes exigido certos compromissos que colocam as crianças ao abrigo de qualquer infâmia.

Aos compradores das crianças nascidas nos hospitais nenhuma responsabilidade lhes é exigida. Por isso não é de extranhar que amanhã, essas crianças sejam agentes de exploração na mão de criaturas menos escrupulosas. Se tudo é possível nesta sociedade.

A INSTRUÇÃO POPULAR

Demonstra-se com factos e números a utilidade e o êxito das bibliotecas nos jardins

A classe operária tem dado a maior percentagem à sua frequência e o seu valor moral e educativo tem sido afirmado por pessoas de crédito

A intenção de suprimir as bibliotecas públicas nos jardins, tornada pública e parenta pela edilidade lisboeta, alarmou os estudiosos que as frequentavam, na sua totalidade pessoas tão parcosas que não podem adquirir os livros que os editores vendem a preços de monopólio.

A proclamação da extinção caiu mal no ânimo e na inteligência de um infinito número de pessoas. Caiu, mesmo, muito mal. Os protestos multiplicaram-se, e a própria imprensa conservadora, sem coragem de contrariar ou defender a estranha decisão, dá guarida e sanção aos protestos que lá lhe chegam.

A nossa redacção também vem operários lavrar o seu protesto, mais feito de amargura do que de cólera. São estudiosos que não podem, por deficiência de recursos, cursar os liceus, ascender às universidades, ganhar a altura ansiada. E nós compreendemos fundamente, intimamente, essa amargura!

Não há razões que possam fundamentar a resolução do município. As pequenas estantes dão aos jardins aspectos mais modernos, civilizados, interessantes, que os inestéticos e sujos quiosques que vendem capilé azedo e alcoóis deturpados, para gôso dos ignorantes. Mas os quiosques pagam licenças—e as bibliotecas nada pagam...

A utilidade das bibliotecas nos jardins demonstrada por números

Estiveram na nossa redacção os srs. Francisco da Conceição Rosa, ex-bibliotecário e actual secretário geral da Universidade Livre; Luís Manuel de Sousa, tesoureiro da prestimosa instituição; Artur Pereira, vogal da sua comissão administrativa. Vinham protestar contra a determinada extinção das bibliotecas nos jardins, cuja iniciativa e sequente execução pertencem exclusivamente à Universidade Livre. Aproveitámos o ensejo para conversar com os nossos visitantes, sem o menor intento de entrevista.

—Magda nos a decisão camarária—foram dizendo—tanto mais que o vereador sr. Veiga e Sousa, que também é presidente da Academia de Estudos Livres, elogiou imenso a função das pequenas bibliotecas aconchegadas em cantos de jardins.

Decidimos nada obter. E os nossos visitantes vão informando:

—Nem mesmo as medidas económicas da vereação são justo motivo para suprimir as bibliotecas. Nas seis bibliotecas que a Universidade Livre mantém nos jardins, pouco mais de 60\$000 gasta o município, diariamente, com pessoal empregado na conservação e vigilância. As despesas com encadernações e arranjos de volumes, com a pintura das estantes e mesas, correm inteiramente por conta da Universidade Livre, única proprietária das bibliotecas. O município só se preocupava do pessoal...

Quizemos conhecer da utilidade das bibliotecas:

—Melhor do que nós falam os números. Fundámos seis bibliotecas, a saber, por ordem cronológica: Agosto de 1922, Jardim da Estrela; Agosto de 1923, Jardim de São Pedro de Alcântara; Novembro de 1924, Campo Grande; Janeiro de 1925, Praça do

Rio de Janeiro; Junho de 1925, Campo de Santa Ana e Campo de Santa Clara. Fundámos ainda uma outra, em Agosto de 1925, no Parque D. Leonor, Caldas da Rainha, confiada por nosso encargo à comissão de iniciativa da localidade.

A pesar de bem conhecermos o horror meridional aos números estatísticos, não quisemos deixar de inquirir sobre a frequência:

—Até Dezembro de 1925—informam os nossos visitantes—frequentaram as bibliotecas um total de 78.285 pessoas. A maioria era composta de operários.

Discernindo:

—Jardim da Estrela, 24.508; São Pedro de Alcântara, 33.738; Campo Grande, 2.528; Praça Rio de Janeiro, 8.711; Campo de Santa Clara, 4.031; Campo de Santa Clara, 4.719. Se compararmos estes números com a estatística da Biblioteca Nacional, verificamos que a frequência nas bibliotecas dos jardins é muitas vezes superior.

O recheio é, depois, assim inventariado: —Possuímos nas bibliotecas de Lisboa um total de 2.000 volumes, e nas das Caldas da Rainha, nada menos de 800 volumes.

Uma informação que merece realce: —Até à data, sem necessidade de aturada vigilância, não atingiu duas dezenas o número de volumes desaparecidos das bibliotecas de Lisboa!

A utilidade das bibliotecas demonstrada por factos e opiniões

Com sincero entusiasmo, a legitimar as frases perpetradas num diálogo intenso, os nossos visitantes vão animando a sua exposição.

—A utilidade das pequenas bibliotecas, tão interessantes, tem sido demonstrada pelo carinho dos seus frequentadores, quasi todos modestos operários. Diversas pessoas do país e do estrangeiro têm exaltado com espontaneidade esta obra de educação popular. E tantos amigos desconhecidos têm enriquecido as bibliotecas com as suas ofertas...

—Pedem-nos os estudiosos que fundemos... mais bibliotecas. Fundá-las hemos. Proximamente, fundaremos uma outra na cadeia, satisfazendo pedidos de operários, de gente humilde e desventurada que por lá sofre... Também não esqueceremos os hospitais.

No decurso do diálogo, os nossos interlocutores compreendem o desejo, que mal esboçamos, de conhecer os resultados:

—A do jardim da Estrela possui uma biblioteca de instrução profissional, completa, muito lida por operários. Verdadeiras colecções de sociologia na de São Pedro de Alcântara, sempre procurada por operários. E são operários os mais assíduos frequentadores em Santa Clara. Para não dizer mais...

E citando opiniões:

—Quando passou por Lisboa, o sr. Millerand, que foi chefe do Estado francês, visitou as nossas bibliotecas. Achou a instituição muito interessante. E, mais tarde, de França enviou-nos oito pacotes com 208 volumes dos melhores autores franceses, para distribuição pelas nossas bibliotecas.

Pierre Martin, secretário da legação da Suíça, ofereceu-nos 110 volumes.

—Quando retirou de Lisboa, o diplomata argentino que, até então, exercera o cargo

O ESTRANGEIRO

Os socialistas franceses
evocam de maneira origi-
nal a memória de Jaurès

No dia 1 de Agosto celebrou-se em Carmaux o décimo segundo aniversário da morte de Jaurès, apenas com uma sessão pública efectuada de manhã, na qual pregaram os socialistas Evrard, deputado pelo Pas-de-Calais, Spinasse e Jouhaux. O sr. Paul Boncour conseguiu falar, como a propósito, da Sociedade das Nações e da delegacia que exerce em Genebra. Em seguida a reunião, um cortejo percorreu as principais ruas da cidade e foi junto do monumento de Jaurès. Cantou-se a Internacional e orou o sr. Jouhaux. O cortejo era precedido por uma vineta de bandeiras vermelhas e muitos ramos de flores. A filarmônica também tomou parte na função.

O imperialismo ameaça

Sentem-se rumores de guerra
do horizonte balcânico

PARIS, 5.—A imprensa comenta a situação balcânica, cujo horizonte se encontra turvado com negras sombras guerreiras, em consequência dos incidentes com os comunistas búlgaros nas fronteiras da Iugoslávia e da Romênia. Os jornais consideram impossível a conclusão dum pacto de amizade franco-balcânico, evitando assim o governo francês ter de se manter vigilante sobre o desenvolvimento da situação. (L.)

A "penúria" burguesa

Amigos, amigos, negócios
à parte...

LONDRES, 5.—O sr. Chamberlain, respondendo ontem a uma interpelação na Câmara dos Comuns, confirmou mais uma vez que o governo britânico se encontra disposto a cancelar todas as dívidas de guerra aos aliados, desde que os Estados Unidos cancelem a dívida. O ministro dos Negócios Estrangeiros afirmou manter-se inalterável a amizade anglo-americana, sendo inoportuna quaisquer pretensões polémicas. (L.)

Mais notas para encarecer
a vida

PARIS, 5.—A Câmara votou por unanimidade dos presentes a elevação da cifra máxima das emissões do Banco da Argélia, de 1.700 milhões para 2.100. (H.)

A unidade dos comunistas

A marinha e o exército russos
agitam-se...

REVAL, 5.—Informam de Moscú que os comissários do povo, alarmados pelo estado de espírito da marinha e do exército vermelhos, decidiram pela publicação da brochura de Zinoviev, criticando o comité executivo, encerraram numerosas prisões nas guardas de Moscú. (H.)

Plenos poderes à Tcheka para
prender comunistas

MOSCÓVIA, 5.—O novo chefe da polícia do Estado (Tcheka), sr. Menjinski, recebeu plenos poderes para efectuar, em caso de necessidade, a prisão de qualquer comunista, seja qual for a sua categoria. (H.)

As grandes calamidades

BATAVIA, 5.—O vulcão de Batoer, na ilha de Bali, entrou subitamente em erupção. As ondas de lava desceram pela montanha, alagando a planície e destruindo no seu caminho tudo quanto encontravam. Uma aldeia indígena ficou completamente destruída, escapando, porém, os habitantes, por terem conseguido fugir a tempo. (L.)

Exíntia a marinha de guerra belga

BRUXELAS, 5.—O governo belga deliberou suprimir a marinha de guerra, como medida de economia no orçamento do Estado. (L.)

A viagem de um avião inglês

LONDRES, 5.—O avião Alan Cobham, hoje chegado à Austrália, partiu de Inglaterra a 13 de Junho para voar até aquele domínio, e voltar, de hidro-avião, tendo a enlutar a sua bela demonstração aeronáutica, a perda do mecânico Elliot, morto a tiro na travessia dos desertos da Arábia. Alan Cobham realizou hoje um voo de 450 milhas, de Kupang, na ilha de Timor, até Port Darwin. O "Daily Mail" diz que o sr. Charles Wakefield conseguiu obter para a mãe do mecânico Elliot uma pensão anual de 100 libras, pelos relevantes serviços e heroísmo, por ele prestados à aviação inglesa. (L.)

Amigos de outros tempos

PARIS, 5.—O conselho de gabinete reunido esta manhã sob a presidência sr. Poincaré, examinou a questão das economias. Por outro lado, o sr. Briand, o sr. Bonawski, expuseram o estado em que se encontram actualmente as negociações sobre o tratado comercial franco-alemão, que naturalmente ainda esta tarde será assinado. (H.)

Intangibilidade ministerial

MADRID, 5.—Vão ser tomadas novas e severas disposições, administrativas e judiciais, contra os funcionários ou quaisquer outras pessoas que critiquem pública e violentamente as medidas do governo ou difamem os ministros. (H.)

Comité pró-presos
por questões sociais

Reúne hoje, pelas 21 horas, este Comité, de ministro, deixou-nos 810 volumes de diferentes especialidades. Agora, falando de portugueses: —Apenas uma opinião discordante: a do vereador dos jardins e cemitérios. Diante das estantes colocadas na Praça Rio de Janeiro, emitiu o seu parecer nos seguintes termos: «As bibliotecas nos jardins são um luxo, por isso, vão acabar. Tanto mais que não têm livros de instrução e os livros de Camilo e Julio Verne não são úteis ao povo. Registamos esta opinião discordante, como temo feito as concordâncias. Dos portugueses distinguimos, de resto, os srs. Cruz Magalhães e os editores Moraes e Renascença pelas ofertas que nos têm feito. Não precisamos de ouvir mais, os nossos visitantes, revelando o seu proselitismo de educação popular, retiraram-se...»

Notas & Comentários

Não extranhemos

Os católicos, segundo os últimos telegramas recebidos, preparavam um atentado ao presidente Calles, do México, por este ter mandado aplicar uma lei que arranca dos organismos do Estado os parasitas de sotaína obedientes às intrigas da Roma papal. Não extranhemos. Roma soube sempre servir-se do veneno e do punhal quando a miséria do povo tocava ao de leve, no ventre dilatado dos sacerdotes do erro e da mentira, do ódio e da morte.

Desvela-se o segredo

Finalmente, conhece-se o verdadeiro motivo da extinção de bibliotecas públicas nos jardins. A comunicação foi feita ontem, em plena Câmara, na presença de toda a edilidade militar, pela voz autorizada do sr. presidente da comissão administrativa. Os frequentadores de academias perderam uma bela sessão — mas quem adivinha... Pois disse o sr. presidente, em tom de sapiência, que as bibliotecas eram suprimidas porque os conservadores não estavam à altura da missão que desempenhavam. Porque não entrega, então, o município essas bibliotecas — nos avançados?...

Os frutos clericais

O México estava sendo vítima das usurpações clericais. Bandos de jesuítas antíficas quadrilhas de malfetores, assolavam o país, exercendo, em nome dum Deus por eles monopolizado, a mais abjecta das pilhagens e o mais vil dos predomínios. Transigiu-se com esses bandos até ao máximo, durante muito tempo. O resultado dessa transigência deu ultimamente os seus frutos: o México encontra-se convulsionado, conforme temos narrado através dos telegramas do estrangeiro. Houve, ultimamente, na capital daquele país uma manifestação formidável contra o clericalismo, na qual tomaram parte cinquenta mil pessoas, dez mil das quais eram mulheres. Isto prova que o clericalismo só provoca ódios — e ódios bastante justificados.

A EDUCAÇÃO FÍSICA

Termas do Estoril

Já foram inauguradas as classes de educação física, ginástica geral e terapêutica no Estabelecimento Termal do Estoril. Foi entregue a direcção destes trabalhos ao professor de educação física, capitão-tenente sr. Vítor Peres Muriello, que é coadjuvado pelo tenente de artilharia sr. Fernandes de Sousa. São conhecidas as indicações de ginástica respiratória, bem como os resultados obtidos pela ginástica ortopédica na correcção de anormalidades ou deformações da coluna vertebral e dos membros, etc. podendo afirmar-se que este recurso terapêutico constitui hoje parte integrante de tratamento de grande número de doenças, sobretudo nas crianças. A direcção médica do tratamento está a cargo dos directores clínicos do Estabelecimento.

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 h. — Soirée às 9,15 h.

Um "Charleston" cantado e bailado por

Encarnita Marzal

e

Pilar Calvo

SOEURS DUMAINE

Preços populares

O regulamento do trânsito da cidade

O sr. Mardel Ferreira informou na sessão ontem da Câmara Municipal que tencionava na próxima sessão apresentar uma proposta regulando o trânsito na cidade de Lisboa. Pediu ao presidente que o fizesse ao comandante da Polícia convidando-o a fazer parte da comissão que deve tratar do assunto.

Rendimentos dos operários

Um desastre mortal a bordo do vapor. «Lourenço Marques» No caso do Tojo, a Santa Apolónia, quando ontem à tarde vários indivíduos procediam ao carregamento do vapor Lourenço Marques, foi colhido a bordo por uma língua António Pinheiro, 45 anos, de Almeida e ali residente na rua Capitão Leão, o qual ficou muito ferido na cabeça e no rosto. Pensado no posto de socorros da Companhia Nacional de Navegação, onde aquele barco pertence, foi depois transportado num auto da Cruz Vermelha ao hospital de São José, onde chegou sem fala, recolhendo estado grave à Sala de Observações, falecendo momentos depois.

Dois trabalhadores molestados

No Banco do hospital de São José receberam curativo e foram depois para casa: Manuel Raposo, 70 anos, de Castro Verde, pedreiro, residente na calçada da Memória, 36, 1.º, que caiu dum telhado na travessa Vitorino Freitas, ficando ferido na cabeça, e Alberto Marques, 28 anos, de Montemor-o-Velho, residente na estrada de Sacavém (barracas) que caiu dum camião na rua José Falcão, ficando contuso nas costas.

TIVOLI

Telefone n.º 5474

Às 21 horas

Um casamento à americana

Comédia em oito partes, com OSSY OSTROWSKY

Uma aliança perigosa

(Cinco partes). Produção francesa, com DOLLY DAVIS no principal papel

UM DOCUMENTÁRIO

NO REINO DO AR

Bonecos desenhados por J. R. BRUN

LER E ASSINAR

"Os Mistérios do Povo"

Serviço dos Matadouros Municipais

O sr. dr. Filipe Caiola, na sessão da comissão administrativa da Câmara Municipal, propôs que todo o gado com destino aos Matadouros Municipais de Lisboa seja obrigado a passar pelo Mercado Geral de Gados, para sofrer a respectiva inspecção sanitária, exceptuando-se desta medida os porcos e o gado bravo; que os talhos municipais sejam fiscalizados pelos inspectores sanitários da fiscalização externa da 9.ª Repartição; que por cada mago de tripa armazenada, o seu proprietário pague \$10 em cada semana, começando a armazenagem a ser contada 15 dias depois da occisão da res; que um cavalo comprado em 1925 pela comissão de abastecimentos de carnes por 4.000\$00 seja entregue à Câmara, para serviço de tracção, creditando-se à comissão de abastecimento aquela importância, para efeito de amortização da sua dívida; que seja montada com a maior urgência possível uma caldeira existente num dos pátios do Matadouro; que o serviço de armazenagem de couros e peles seja regulado da seguinte maneira:

Os donos dos couros e peles ficam com o direito à armazenagem destes despojos durante uma semana sem mais encargos financeiros; por cada semana a mais os proprietários pagarão: De cada couro de boi, 5\$00; por cada pele de vaca, 2\$50; por cada pele de carneiro ou cabra, 1\$50. Exceptuam-se destas disposições os talhos municipais e hospitais.

TEATRO NACIONAL

HOJE

COMPANHIA

Ida Stichin-Alexandre Azevedo

A interessante peça em 3 actos,

original de Lucien Népote, tradução

de A. de Almeida e A. Dias da Costa

Os Filhos

Encantador entrecho

Espirituosos diálogos

Situações esplêndidas

Protagonista:

Ida Stichin

ARMAS TRAIÇOEIRAS

Com um revólver não se brinca...

A uma fazenda próxima de Castelo Branco, pertencente a Manuel António Vilela, foram ante-ontem passear, Júlio Andrade, de 16 anos, ferreiro, e José Augusto Pires Gerales, de 15 anos, serralleiro, ambos residentes naquela cidade. A certa altura lembrou-se o Andrade de ir mexer num revólver de que vinha munido, mas com tanta infelicidade que a arma se disparou, indo o projectil atingir o Gerales nas costas. Pensado em Castelo Branco, veio para Lisboa, onde chegou ontem, dando entrada no Hospital de São José, em cujo Banco foi observado pelos drs. José Paredes e Bastos Gonçalves, recolhendo, depois de pensado, à Sala de Observações.

No Banco do mesmo hospital, faleceu ontem de madrugada, pouco tempo depois de ali ter dado entrada, Abel Barbosa de 18 anos, natural de Paredes de Coura, guarda da Fábrica Gonçalves, nos Olivais, o qual quando ali examinava uma espingarda caçadeira, esta disparou-se, indo a carga atingi-lo no peito. O cadáver foi removido para a casa Mortuária do hospital.

Um protesto contra as medidas iníquas da vereação militar

Em reunião da Federação Municipal Socialista de Lisboa foi aprovada uma moção protestando contra o facto da vereação militar, a pretexto de equilibrar o seu orçamento, suprimir as poucas regalias que a população lisboeta usufruía, impedindo-a de entrar nos parques e logradouros públicos e de aos domingos refectir nos locais que desde a extinção monárquica lhe eram consentidos.

Protestou também contra o despedimento de trabalhadores, considerando essa medida uma decisão rancorosa e desumana.

Arremessados para a miséria

Na sessão da comissão administrativa da Câmara Municipal, realizada ontem, o sr. Batista Gomes propôs que sejam dispensados do serviço municipal os seguintes guardas dos jardins municipais, José Machado da Cunha, Alberto Magno dos Santos, Maurício Anibal Chaves de Oliveira, António Braz Santos Junior, Claudio Pinto, Luiz Moreira Nolasco da Silva, Vicente Gomes, Jorge Martins, Manuel Francisco Braz, Celestino Augusto da Silva, José Simões e Francisco Correia Trigo.

Esta proposta foi unanimemente aprovada.

Feira de Agosto

E' amanhã pelas doze horas, no edifício que pertence ao Crédito Predial na Travessa de Santo António da Lés, se realiza a praça para aluguel de lotes de terreno no local destinado à Feira de Agosto, no parque Eduardo VII, para instalação de barracas.

Só podem licitar os feirantes que apresentarem requerimento com a respectiva planta.

Fornecimento de energia eléctrica

Os moradores no sítio do Pote D'Agua, entregaram ontem uma representação à Câmara pedindo a extensão do cabo condutor de energia eléctrica, para aquela localidade, que dista uns quinhentos metros do local, onde termina o referido cabo.

Foi a informar à respectiva repartição.

IMPRENSA

"O Volante"

Sai amanhã o primeiro número de "O Volante", jornal exclusivamente de automobilismo que se apresentará com 6 páginas e ilustrado.

'A Batalha' na provincia e arredores

Mina de S. Domingos

Criminoso indiferentismo
dos mineiros

MINA DE S. DOMINGOS, 3.—Os operários desta indústria votam o mais completo desprezo ao seu sindicato.

E' deveras lamentável o termos de constatar a maneira desastrosa como de ha tempos a esta parte os mineiros desta industria vêm encarando o seu sindicato. Como se isto não bastasse, vamos constatar dia a dia o entregarem-se à taberna, onde diariamente consomem uma parte do exíguo salário, estragando ainda mais a saúde e a dos seus (como se o "tufão" não fosse bastante) e quantas vezes anavilhando-se uns aos outros quasi lobos esfomeados. E enquanto isto se passa os donos e alcaides disto tudo vão tripudiando à vontade calculando cada vez mais sobre o dorso esquelético destes infelizes párias o peso da culpa da ignominia. Como isto para nós é de veras lamentável!

Se em nossa alma não palpitasse o que a maioria dos mineiros lhes falta — a vontade de inclinar-se por uma sociedade mais humana — certamente não trariamos à luz mas sim cobriríamos com o seu nebuloso do comodismo ou da covardia toda a nossa dor, toda a nossa repulsa. Mas não. Poderão acalmar-nos de párias de esfarrapados, mas não de cobardes ou comodistas. Embora que isto nos custe um mover constante de perseguições havemos de fazer para que os mineiros arriem caminho correndo ao seu sindicato, pois só ali aprenderão a ser bons amigos e camaradas zelando ao mesmo tempo pelos seus interesses e não pelos bolsos dos taberneiros. Para isso só falta aos camaradas mineiros uma coisa: E' reflectirem no quanto de mal têm procedido, deitando para o lado todas as calúnias falsas e cobardes que certos gericos aspirantes a capatazes têm espalhado infundadamente, e uma vez no seu sindicato, tratar todos os assuntos que lhes são inerentes, pugnando assim por um futuro melhor. — C.

TEATRO AVENIDA

Telef. n.º 4356

HOJE

E TODAS AS NOITES

O FAMOSO

Dr. da Mula Ruça

Primoroso desempenho

Orquestra Jazz-Band

OS QUE MORREM

Américo Nunes

Faleceu ontem no hospital de Santa Marta, o menino Américo Nunes, filho do nosso camarada Manuel Nunes, militante do Sindicato da Construção Civil.

O seu funeral efectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo do referido hospital para o cemitério do Lumiar.

A Secção de Palma do Sindicato da Construção Civil convidou todos os seus componentes a incorporarem-se no funeral.

SOCIEDADES DE RECREIO

O. D. S. Operária. — Convida-se a comissão organizadora da festa em benefício do camarada Joaquim Vieira, descarregador de Mar e Terra, a comparecer hoje, pelas 21 horas, na sede deste grupo para se resolverem assuntos que se prendem com a organização do espectáculo.

Hoje, reinício do corpo cénico com a direcção para assunto urgente e inadiável. Sociedade de Recreio e Sport. — Ficou adiado, para quando se anunciar, o desafio de futebol que esta Sociedade tencionava realizar no próximo dia 8, em virtude da proibição do sr. governador civil de que até ao dia 15 de Setembro, se efectuam treinos de futebol. Em todo o caso a referida Sociedade, para solenizar o primeiro aniversário da sua fundação, realiza bailes na sua sede, calçada da Estrela, 23, nos dias 7 e 8 do corrente.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

O "record" das enchentes é o que há dias vem alcançando o Teatro Salão Foz com o seu magnifico programa de variedades composto pela formosa e distinta estrêla de "couplet" Encarnita Marzal, pela insinuante bailarina espanhola Pilar Calvo e pela gentil "pareja" francesa de bailes de fantasia Soeurs Dumaïne.

Desde ontem que Encarnita Marzal e Pilar Calvo apresentam em conjunto um "charleston" que lhes tem valido os mais justificados aplausos.

Soeurs Dumaïne, que estrearam ontem um novo número de grande êxito, "La petite bête qui monte", distribuem pelos espectadores um interessante "fetiche".

Mais uma proesa de um polícia

Mais uma proesa de um polícia. Contaram-nos a pessoa de confiança. Passou-se no domingo, ao Póço dos Negros. Uma criança havia sido atropelada sendo ligeiramente ferida. Aglomerou-se gente, como é costume e o guarda 231 da esquadra da Boa Vista acorreu pressuroso a dispersá-la. E como os curiosos não se afastassem com a velocidade que ele sonhava, porque o 231, ao que parece jantara bem e bebera melhor, descarregou algumas pranchadas que feriram várias pessoas.

Conversando com ele, alguns transeuntes ouviram-lhe da boca esta confissão: que o chefe já lhe dissera que o sobre estava demasiado afiado. Mas ele não se importava, mesmo assim ia dando para baixo.

Automóvel

de três lugares, em bom estado, compra-se.

Dirigir carta às iniciais

M. C., Café Nacional

— Santarém.

ULTIMAS NOTICIAS

CONTRA A PROSTITUIÇÃO REGULAMENTADA

Encerrou ontem os seus trabalhos, que decorreram
com grande interesse e elevação moral,
o 1.º Congresso Nacional Abolicionista

Na sessão de encerramento foram aprovadas a tese "A casa de tolerância como agente desmoralizador" e várias saudações

A sessão de encerramento do 1.º Congresso Nacional Abolicionista realizou-se ontem, tendo iniciado os seus trabalhos às 22 horas.

Presidiu o velho democrata dr. s. Magalhães Lima e secretariaram as srs.ª D. Angélica Porto e D. Aurora de Castro.

No expediente encontravam-se os officios de saudação do Grupo Companheiros do Bem e do Centro Republicano 5 de Outubro.

Imediatamente foi apresentada a tese "A casa de tolerância como agente desmoralizador", de autoria do sr. José Ribeiro Alves Júnior. Esta tese termina assim: "Creio que basta o que deixo exposto e este caso que reputo como consequência da frequência dos antros protegidos pela lei para justificar que: A casa de tolerância é um agente desmoralizador."

O Congresso marca a sua neutralidade em matéria política e religiosa

Falaram sobre este trabalho D. Delina Serrão, D. Maria O'Neill, Virgílio Marques e Almeida Costa que apresentou a seguinte moção:

"O 1.º Congresso Nacional Abolicionista nada tem com as ideias individuais dos seus componentes ou sentimentos religiosos, a não ser aquelas ideias e aqueles sentimentos comuns a todos e acentuado do pensamento do congresso.

Esta afirmação doutrinaría, absolutamente indispensável em reuniões com estas características, leva o 1.º Congresso Abolicionista a não perihilar qualquer afirmação religiosa ou política que em documentos aprovados e aprovados algum congressista porventura faça ou tenha feito."

Ficou a leitura desta proposta, que o congresso sublinhou com uma quente salva de palmas, foi aprovada a tese do sr. José Ribeiro Alves Júnior.

Falou a seguir o sr. Alvaro Neves que se referiu largamente ao desenvolvimento da prostituição em Lisboa.

O nosso prezado camarada José Carlos de Sousa, do grupo anarquista O Semeador, leu um valioso trabalho de critica aos trabalhos do Congresso, que foi silenciosamente ouvido por todos os assistentes.

Tomou depois uso da palavra o nosso amigo Augusto Carlos Rodrigues que, em nome da Universidade Portuguesa, apresentou ao Congresso as saudações daquela simpática colectividade, fazendo em seguida uma larga dissertação sobre a prostituição. Foi muito aplaudido.

Foi eleita a comissão que ha de dar cumprimento às resoluções do congresso

Elegue-se a seguir a comissão executiva dos trabalhos deste Congresso que ficou composta pelos seguintes senhores, efectivos: dr. Arnaldo Brazão, D. Angélica Porto e dr. Adolfo Lima. Substitutos: Alexandre Vieira e D. Dinah Santos Lima.

Entrou-se imediatamente na ordem da noite: discursos de encerramento.

Tribunal de Arbitros Avindores

Reuniu este tribunal sob a presidência do juiz sr. Humberto Pelágio, tendo arbitrado por parte do patronato, os srs. Teodoro Pombal, José de Azevedo e Francisco Abrantes e pela parte operária, Manuel Maria de Sousa, José Joaquim d'Almeida e Ezequiel Barros dos Santos, que resolveram condenar a firma F. J. Garcia Bicker, de Lagoa, (Algarve) a pagar ao seu ex-guarda-livros, sr. Carlos Augusto Alves Braga, a quantia de 11.885\$46, e ao seu ex-gerente, sr. Antonio Carlos Limpo, a importância de 9.607\$17.

Foi coadjuvado o operário José da Silva contra a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, por 300\$00, tendo as queixas apresentadas por Alberto Duarte Simões, de Lisboa, e Antero d'Almeida, da Povoa da Galega, sido adiadas por falta dos reus.

Queda grave

No pósto da Cruz Vermelha, do Calvário, foi pensado e recolheu a casa, António dos Reis, de 14 anos, natural de Lisboa, aprendiz de barbeiro, morador no largo da princeza, 11, rez-do-chão, Pedrouços, e que na praia de Pedrouços, deu uma queda fracturando o braço esquerdo.

Teatro da Trindade

Telef. T. 976

HOJE a hilariante comédia

O homem das 5 horas

Protagonista:

Luílla Simões

LUTA DE CLASSES

A greve dos corticeiros do Seixal

SEIXAL, 4.—Prossegue, sem alteração, a greve do pessoal da fábrica de cortiça Martins de Coia, desta localidade. O industrial resolveu despedir todo o pessoal devido à recusa de trabalhar de uma noção justa da sua dignidade e não se curvar ás indignas exigências daquele verdugo.

O industrial pretende levar a cabo um embarque de cortiça com pessoal estrangeiro à industria, tendo já requisitado a G. N. R. que aqui se encontra de serviço.

O congressista sr. Manuel da Silva, da Liga de Acção Educativa, falou sobre o bom resultado dos trabalhos deste Congresso, congratulando-se com o facto das teorias dos abolicionistas ganharem terreno.

Ainda ontem, prosseguiu o orador, a Liga de Acção Educativa com muito prazer verificou que uma fracção do operariado enfiou a esta assembleia um seu representante que, em frases rudes, mas com uma grande intuição sociológica soube dar a alguns educadores uma sublime demonstração do conhecimento dos modernos problemas de pedagogia.

O orador termina o seu discurso lançando um brilhante apelo aos educadores presentes para que conjuguem os seus esforços no sentido do problema de educação sair do âmbito acanhado em que se encontra.

O dr. António Vilela, da Federação Espírita Portuguesa, dissertou proficientemente sobre a história dos povos gregos e romanos, passando em revista a evolução da mulher através das várias civilizações.

As causas da prostituição variam segundo as épocas

O professor e nosso amigo Emilio Costa, a insistência de grande parte dos congressistas, tomou a seguir o uso da palavra. O orador saudou o congresso, a quem entregou a sua franca adesão, e borden várias e interessantes considerações sobre a prostituição.

No entender do ilustre professor as causas da

AGENDA CALENDARIO DE AGOSTO

S.	6	13	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,42
D.	1	8	15	22	Desaparece às 19,42
S.	2	9	16	23	
T.	3	10	17	24	FASES DA LUA
Q.	4	11	18	25	L. N. dia 8 às 13,49
Q.	5	12	19	26	L. C. " 16 " 16,39
					L. C. " 23 " 12,38
					Q. M. " 30 " 4,40

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94575
Madrid cheque		2398,5
Paris, cheque		557
Suiza, cheque		3478,5
Bruxelas cheque		557
New-York, cheque		19555
Amsterdã, cheque		7584
Holanda, cheque		366
Brasil, cheque		3500
Praga, cheque		558
Suécia, cheque		5524
Austria, cheque		2577
Berlim, cheque		4566

ESPECTACULOS

Teatros	Horas
Nacional - As 21-45 Filhos	21,45
Ginásio - As 21,30 - Três Meninas	21,30
Trinidade - As 21,30 - O Homem das 5 Horas	21,30
Delicieux - As 21,30 - O Leão da Estrela	21,30
Reinhold - As 21,30 - O Dr. da Mula Negra	21,30
Maria Vitória - As 21 e 23,45 - O Az de Es	21,30
Saldos - As 21 - Variedades	21,30
Variedades - As 21,15 e 23,15 - O Po de Arroz	21,15
Cinema (Villete de Graça) - Espectáculos às 2,30	2,30
2,30 - Salvados e Domingos com amateiros	2,30
Exibição pública - Todas as noites. Concertos - di	
versos	
CINEMAS	
Tivoli - Olympia - Central - Condes - Chiado Ter	
reisse - Ideal - Arco Bandeira - Promotora - Esperança	
- Terceiro - Cine Paris	

LIMAS NACIONAIS

UNIAO

MARCA REGISTRADA

GOARMON & C.

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

FABRICA

GOARMON & C.

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

LIVRARIAS NACIONAIS

Maximo Gorki	6000
Como se forja um Mundo Novo	6000
Cuentos de Italia	6000
La vida de un Hombre incesante	6000
Wladimir Korolenko	6000
El Imperio de la Muerte	6000
Dr. G. Feydoux	6000
La vida tragica de los Trabajado	10000
Jean Masestian	10000
La Educacion Sexual	10000
El matrimonio, el amor libre y la	9000
libre maternidade	9000
E. Reclus	6000
La Montaña	6000
El Arroyo	6000
Octavio Mirbeau	6000
El Calvario	6000
P. Kropotkin	6000
La etica, la revolucion e el Estado	6000
Luis Fabry	6000
Crítica revolucionaria	6000
H. Malatesta	6000
Ideário	6000
F. Dostoyevsky	6000
Los Hermanos Karamazov	9000

LA NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas cola	10000
boradas por um bom numero de escritores	
revolucionarios - Preço	

Pedidos à administração de A BATALHA

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro util ás boas donas de casa. Preço 2800; pelo correio, 2850. Pedidos à administração de A BATALHA

SALVADOR BARATA, L. DA

Fabricantes dos Alvaides marca "GAIVOTA" e únicos depositários de

AGENTES

No Porto - Sociedade Produtos Químicos, Lda - R. 31 de Janeiro, 171, 1.º

Ilhas - JOSÉ GOMES FERREIRA FUNCHAL

O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS, BARATAS, FORMIGAS, etc.

A VENDA

em todas as DROGARIAS, MERCERIAS e lojas de FERRAGENS

MALETAS DE CABEDAL

em todas as qualidades e feitios, vendem-se a preços de fabricante

— EM —

A ORIGINAL

RUA DA PALMA, 266-A

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 34 desta revista intitulada *El otro amor* de Federico Montseny. - Preço, \$50. - Pedidos à administração de A Batalha

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

"A BATALHA" no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Famoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha.

A Revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkinoi. Preço 1550.

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

E' o titulo do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o titulo genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA, "IDEÁRIO", que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina - Crítica Social - Educação Liberdade - Tática - Evolução y Revolucion - Violência - Libertad y Autoridad - Ensayos Filosóficos - Ideário - Ideias Iconoclastas - Moral - Temas sociológicos - Pedagogia - Vida Española - Hombres Representativos - Tratado Polémico - Lecturas - Fragmento Inédito.

Preço 15\$00 - Pelo correio 16\$50

Pedidos à administração de A BATALHA

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5316 de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$31. Aos sindicalistas que desejem adquirir quantidade far-se-á um abono de 50 por cento em peços de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de officios

Galvanoplastia... 16\$00

Moteres de explosão... 20\$00

Navegante... 16\$00

Cimento armado... 25\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções... 16\$00

Alvenaria e Cantaria... 13\$00

Edificações... 13\$00

Encanamentos e salubridade das habitações... 13\$00

Materiais de construção... 20\$00

Terraplenagens e aliosceres... 13\$00

Trabalhos de Carpintaria... 16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas... 20\$00

Fogoeiro... 16\$00

Formador e estuador... 12\$00

Fundidor... 13\$00

Piloteiro... 16\$00

Indústria alimentar... 12\$00

Indústria do vidro... 12\$00

Elementos gerais

Algebra elementar... 13\$00

Arithmetica pratica... 15\$00

Desenho linear geometrico... 12\$00

Elementos de electricidade... 30\$00

Elementos de fisica... 12\$00

Elementos de Mecânica... 12\$00

Elementos de Modelação... 12\$00

Elementos de Projectos... 12\$00

Elementos de Geometria... 12\$00

Geometria plana e no espaço... 13\$00

Fabricante de tecidos... 13\$00

Mecânica

Torneiro e Frezador mecânicos... 15\$00

Desenho de máquinas... 25\$00

Material agricola... 13\$00

Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor... 13\$00

Problemas de máquinas... 16\$00

Livros em espanhol

A' venda na administração de A BATALHA

MI Comunismo, Sebastião Faure 10\$00

La Revolucion Social em Francia, Miguel Bakunine (2 volumes) 20\$00

Cartas a uma mulher sobre la anarquia, Luiz Fabri 2\$50

La Ukrania revolucionaria, Augustin Souchy 1\$50

Anarquismo y organizacion, Rodolfo Rocker 1\$00

Entre campesinos, E. Malatesta 1\$00

En Ukrania, Rudenko 1\$00

Miguel Bakunine, J. Guillaume 1\$00

Los anarquistas (Estudio e replicas) Lombroso y Mella 5\$00

Errico Malatesta, Max Nettlau 6\$00

Artistas y Rebeldes, R. Rocker 4\$00

Nicolai, Roman Rolland 4\$00

Soviet o Dictadura?, Varin 1\$50

El Estado moderno, Kropotkin 5\$00

Dictadura y Revolucion, Luiz Fabri 10\$00

Bolshevismo y Anarquismo, Rodolfo Rocker 1\$00

Problemas universitarios, Lello O. Leno 1\$00

La Revolucion, José Torralvo 1\$00

Dios y el Estado, M. Bakunine 3\$00

Paginas seletas, Multatuli 3\$00

Ensayos y Conferencias, Pedro Gori 3\$00

Dos años en Russia, E. Goldman 2\$00

Quinet, Faliz 10\$00

La pena de muerte, G. Alomar 1\$00

El Teatro del Pueblo, V. de Pedro 1\$00

El Teatro del Pueblo, por Valentin Pedro 1\$50

Accion Directa, por Angel Pestania 1\$00

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO OURO, 93

TELEFONE N. 5353

Medicina, coreção e pulmões - Dr. Armando Narciso - A's 5 horas.

Cirurgia, operações - Dr. Bernardo Villar - 10 horas.

Rins, vias urinarias - Dr. Miguel Magalhães - 10 horas.

Pele e sífilis - Dr. Correia Figueiredo - 11 e 13 horas.

Doenças nervosas, electroterapia - Dr. R. Loff - 2 horas.

Doenças dos olhos - Dr. Mário de Matos - 2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos - Dr. Mário Oliveira - 12 horas.

Estômago e intestinos - Dr. Mendes Belo - 3 horas.

Doenças das mulheres - Dr. Emilio Paiva - 2 horas.

Doenças das crianças - Dr. Filipe Manso - 12 horas.

Tratamento de diabetes - Dr. Ernesto Roma - 3 horas.

Boca e dentes - Dr. Armando Lima - 10 horas.

Cancro e radio - Dr. Cabral de Melo - 4 horas.

Raio - Dr. Aida Salazar - 4 horas.

Análises - Dr. Gabriela Bento - 4 horas.

Lêde o Suplemento de "A Batalha"

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO

Abel Botelho - Amanhã... 16\$00

Alexandre Heruleau

Lendas e Narrativas (2 volumes), 18\$00

Cartas (2 volumes), 18\$00

História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.), 27\$00

Adolfo Lima

Contrato do Trabalho... 10\$00

Educação e ensino... 5\$00

O ensino da história... 1\$50

Aquillino Ribeiro

Antônio Franco... 3\$00

Estrada de São Tiago... 10\$00

Jardim das Tormentas... 10\$00

Via Sinuosa... 10\$00

As Filhas da Babilônia... 10\$00

Terras do Demos - Folhas perdidas (Fados) 10\$00

Bento Faria - Missa nova (teatro em verso)... 1\$00

Binet-Sanglé - A loucura de Jesus... 4\$00

Charles Darwin - Origem das espécies... 14\$00

Campo Lima

O Estado e a evolução do Direito O Amor e a Vida... 5\$00

Ceia dos Pobres... 2\$00

A Revolução em Portugal... 6\$00

Buckner - O homem segundo a ciência... 12\$00

Fôrça e Matéria... 12\$00

Quarte Loucos - Frei Sanguê... 5\$00

Eça de Queiroz

O crime do Padre Amaro... 18\$00

O primo Basílio... 15\$00

O Mandarim... 8\$00

Os Maias (2 vols.)... 28\$00

A Reliquia... 15\$00

A Cidade e as Serras... 12\$00

Frade Mendes... 9\$00

Casa Ramires... 15\$00

Prosas Bárbaras... 10\$00

Ecos de Paris... 9\$00

Cartas Familiares... 9\$00

Cartas de Inglaterra... 9\$00

Minas de Salomão... 9\$00

Notas Contemporâneas... 15\$00

Ultimas páginas... 15\$00

Contos... 15\$00

Ernesto Haackel

História da Criação... 20\$00

Origem do Homem... 5\$00

Os enigmas do Universo... 14\$00

Monismo... 4\$00

Religião e evolução... 6\$00

As maravilhas da vida... 14\$00

Faguet - Iniciação filosófica... 5\$00

Iniciação literária... 10\$00

Faria de Vasconcelos

Problemas escolares... 5\$00

Por terras de além mar... 5\$00

Ferreira de Castro

Sangue Negro... 2\$50

Saudes de Lirismo e de Amor... 8\$20

F. Castro e E. Fria - A Boca da Esfinge... 8\$00

Flamarion

Iniciação astronômica... 5\$00

Contos de luar... 5\$00

Como acabar o mundo... 7\$00

Os habitantes dos outros mundos Felix le Dantec - As influências ancestrais... 10\$00

Ateísmo... 6\$00

Fialho de Almeida

Lisboa Galante... 10\$00

Estâncias de Arte e Saúde... 9\$00

Figuras de destaque... 9\$00

Actores e Autores... 9\$00

Contos... 9\$00

A Esquina... 9\$00

Aves Migradoras... 9\$00

Barber, Pentec... 9\$00

Cidade do Vício... 9\$00

Passadinas... 10\$00

Saiba quantos... 9\$00

Vida errante... 9\$00

Vida íntima... 9\$00

Guerra Junqueira - A morte de D. João Múia em férias... 10\$00

Os Simples... 9\$00

A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo) 14\$00

Brochado... 10\$00

Gorki - Os Degenerados... 4\$00

Os vagabundos... 4\$00

Na Prisão... 2\$50

Ibsen - Espectros... 4\$00

 Casa de bonecas... 5\$00 |

Publicações Sociológicas

Organização Social/Sindicalista 3\$00

Antonelli - A Rússia bolchevista... 2\$00

Cura Merlier - A razão dum padre Dufour - O sindicalismo e a proxima revolução (2 volumes)... 8\$00

Emilio Bossi - Cristo nunca existiu... 6\$00

Geo Williams - Relatório dos delegados dos I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscon... 1\$00

Gladiator - A questão social do Brasil... 1\$50

Gustavo le Bon

As primeiras consequências da guerra... 8\$00

Ensina mentos psicológicos da guerra europeia... 8\$00

Leis psicológicas da evolução dos povos (enc.)... 6\$00

Guyau - Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção... 5\$00

Educação e Hereditariedade... 4\$00

Hamon

A conferência da paz e a sua obra As lições da guerra mundial... 8\$00

O movimento operário da Grã-Bretanha... 5\$12

Psicologia do socialista-anarquista A crise do Socialismo... 5\$00

A psicologia do militar prisional... 5\$00

Henrique Leone - O Sindicalismo... 4\$00

Heliodoro Salgado

O culto da Imaculada... 10\$00

Jean Grave

A sociedade Futura... 5\$00

O indivíduo e a sociedade... 4\$00

Joseph J. Ester - Unionismo industrial... 8\$00

Julio Guesde - A lei dos salários... 5\$00

Justus Ebert - Os I. W. W. na teoria e na prática... 3\$00

Kropotkin

Anarquia, sua filosofia e seu ideal A Grande Revolução (2 vols.)... 10\$00

A moral anarquista... 3\$50

Os bastidores da Guerra... 1\$30

O Estado e o seu papel histórico... 1\$50

Lazare - A Liberdade... 1\$50

N. Lenine - Os problemas do poder dos Soviets... 1\$50

Landauer - A Social Democracia na Alemanha... 5\$00

Manuel Ribeiro - Na linha de fogo... 3\$00

Marx - O Capital... 5\$00

Melchior Inchever - Monarquia jesuitica... 3\$00

Nietzsche

Anti-Cristo... 4\$00

Genealogia da moral... 4\$00

Meno Vasco - Ao Trabalhador Rural - Geórgicas... 3\$50

Concepção Anarquista do Sindicalismo... 3\$00

A greve dos inquilinos... 1\$00

Novicov - A emancipação da mulher Patat e Pouget - Como faremos a revolução... 4\$00

Perfeito de Carvalho - Notas e comentários... 1\$50

Sebastião Faure - Doze provas da inexistência de Deus... 1\$50

Tomás da Fonseca - Sermões da Montanha... 12\$00

OS MISTÉRIOS DO POVO

senão sobrecarregando os seus vassallos com tributos exorbitantes.

O conde de Plouernel, como quasi todos os da sua raça, não tinha do nem compaixão para os vassallos considerados apenas como matéria colectável, raça conquistada e deserdada, inferior, espécie de termo médio, de transição entre o animal e o homem; raça enfraquecida, martirizada, deformada pelo excesso dos seus males e trabalhos; raça condenada pelo destino a trabalhar e a produzir, em proveito dos senhores. O conde de Plouernel mostrava-se fiel à sua casta, às suas tradições, ao seu tempo, ostentando uma dureza implacável para com essa espécie, que ele olhava, sincera e ingenuamente, como uma raça inferior, e em tudo diferente da sua.

Ao entrar no quarto da marquesa de Tremblay, o conde mostrou-lhe a carta que tinha na mão e que, furioso, amarratava, e disse com voz extremamente irritada:

— Sabeis, senhora de que se havia de lembrar minha irmã nos poucos dias que esteve em Mezlan? Recebi agora uma carta em que me diz o meu feitor que, indo proceder ao arresto dos bens pertencentes a certos vassallos meus que não pagaram a tempo os tributos que me aprobeu lançar-lhes, minha irmã, que por acaso passava ali, proibiu-lhe que procedesse, e mandou soltar um caçador furtivo reincente e já me recedor da força!

— Irral que isso é inaudito! exclamou a marquesa. E' dum descaramento sem precedente!

— Mas perdão minha tia, que ainda há mais... O feitor e um oficial do fisco, conhecendo a má vontade daquela canalha para pagar o que deve, tinham-se feito escutar por uma companhia do regimento do marquês, aquartelada em Vannes desde que o sr. duque de Chaulnes recia uma sublevação da gente do campo. Pois imagini agora o que aconteceu: esses miseráveis tiveram a ousadia de se revoltarem contra os soldados da escolta do feitor, e... até tentaram desarmá-los!

— Mas isso é muito grave, meu sobrinho! exclamou a marquesa com um gesto de espanto.

— O sargento da escolta, homem enérgico e decidido, logo derrotou esta canalha e prendeu três chefes... Agora queis saber o que fez minha irmã, que audácia foi a sua?... Parece incrível!

— Pediu perdão para eles, disse o abade, não é verdade? desconfo bem de que intercedeu por eles!

— Fez mais do que isso, abade. Exigiu que eles fossem imediatamente postos em liberdade, e ameaçou o sargento com a cólera do marquês de Chateaufieux.

— E' preciso tomar uma resolução com respeito a esta pobre maluca...

— Eu inclino-me tanto mais a isso, minha tia, que, segundo a carta do meu feitor, a intervenção de minha irmã nestas ocorrências produziu detestáveis resultados: os meus vassallos, animados assim na sua resistência ao pagamento dos tributos, dizem em alta voz que pagam de mais, que é exorbitante, que não podem, que não pagam. Enfim, os mais exaltados, na esperança da impunidade, já dizem que a foice dum breão não teme a baioneta dum soldado, que, se estes estão bem armados, os aldeões são mais numerosos, e que a fúria do seu desespero os igualará em força aos soldados quando soar a hora da revolta! Apela para a insurreição! A revolta do povo!

— Insurreição!... Revolta!... exclamou a marquesa com terror. Então esses velhacos ousam falar de revolta e insurreição!

— Parece que começa a *Jacquerie*!... acrescentou o abade erguendo as mãos ao céu. Semelhante coisa no tempo de Luís XIV... no reinado do grande rei... no século XVII... Seria o fim do mundo. Ai de nós!

— Prontos e terríveis castigos manterão ainda estes patifes nos limites do dever, meu caro abade! replicou o conde. Assim o espero. Mas minha irmã animou-os. A sua tola generosidade escolheu logo para pôr sob a sua protecção os maiores tratantes que há nos meus

domínios. O caçador furtivo e o vassallo recalcitrante pertencem a uma certa família Lebrun, que conta entre os seus membros dois marinheiros do porto de Vannes, dois marotos muito activos e enérgicos, revolucionários, suspeitos de incitarem a revolta, e de ter inteligências com os republicanos holandeses! São homens decididos e de acção, e muito perigosos!

— Marquês, disse o abade lançando a sr.ª de Tremblay um olhar significativo, que vos dizia eu a respeito da tal família, notada há mais dum século pela nossa venerável companhia de Jesus, no seu registo secreto, como das mais perigosas? Pois bem vedes agora que as minhas informações eram perfeitamente exactas e muito bem fundadas. E' preciso que essa gente seja muito bem vigiada.

— Mas, afinal, de que se trata? perguntou o conde de Plouernel. Que informações são essas a que acabais de vos referir?

— Falaremos disso com mais vagar, meu caro Raúl, porque os detalhes desse assunto levar-nos-iam muito longe; ficai sômente na certeza de que não podeis ter entre os vossos vassallos uma família mais pernicioso do que a desses tais Lebrun! Havemos de pensar no caso; aquilo é uma gente que se deve suprimir quanto antes... Eu poderei ajudar-vos a isso... Mas agora... o que, na minha opinião, é de mais urgente necessidade, é fazer com que vossa irmã não possa continuar com as suas extravagâncias, com as suas loucuras.

— Mas, meu caro abade, bem sabeis que formidável obstáculo se opõe a isso!

— Conheço os vossos projectos de duplo casamento, e compreendo a necessidade que se vos impõe de terdes com aquela estouvada toda a condescendência possível... Mas então... de duas uma: Berta quer que se realize esse casamento, ou não quer; ora, na minha opinião, ela não quer, e já omou essa resolução.

— Estais enganado, abade, disse o conde de

Plouernel. Berta não se manifestou contrária a essa união.

— Mas pediu tempo para reflectir, não é verdade, meu caro Raúl? Pois bem! todas as delongas têm apenas um fim: Berta quer ganhar tempo, para mais livremente se entregar às suas loucuras... e quem sabe se... E' isso o que eu mais receio, pela honra do vosso nome e da vossa família... Este pensamento causa-me imenso terror...

— Mas que pensamento é esse? Qual é a causa desse terror?... Vamos, explicai-vos!

— Meu caro sobrinho, disse a marquesa, o nosso pobre abade julga Berta apaixonada por alguém...

— Meu Deus! exclamou o conde com viva surpresa. Que estais dizendo, senhora? Berta apaixonada? Mas isso não pode ser!

Tudo leva a crer que esse amor seja indigno duma pessoa de tão alto nascimento, porque Berta o envolve no mais profundo mistério! replicou o abade. Nem a marquesa, nem vós, nem eu - força é confessá-lo - podemos até hoje suspeitar ou imaginar quem é o objecto dessa paixão evidentemente monstruosa... mas que há de forçosamente existir, segundo me dizem os meus pressentimentos.

— Reflectindo nisso, e lembrando-me de certos factos que só agora me ocorrem, sou da opinião do abade, disse a marquesa. Certamente, Berta aproveitou-se da liberdade em que a temos deixado para se entregar a alguma vergonhosa escolha... e algum dia é capaz de fugir com o amante, e aí fica manchada para sempre a honra da nossa casa!... Escândalo, desonra, vergonha para toda a família!

— Com mil diabos! bradou furioso o conde de Plouernel. Se por acaso minha irmã se esquecesse dos seus deveres até ao ponto de recusar um casamento que tão grandes vantagens me garante... Juro por Deus que, se a causa dessa recusa fosse algum amor indigno, eu iria imediatamente ajoelhar-me aos pés d'el, para lhe suplicar que mandasse encerrar essa in

A BATALHA

O operariado deve preparar-se para defender enérgicamente a regalia das oito horas de trabalho



A REUNIÃO DAS FEDERAÇÕES

Por grande maioria aprovaram-se os pontos de vista dos delegados da Construção Civil e do Mobiliário

Ficou constituída pelas Federações da Construção Civil, do Mobiliário, Metalúrgica e Vinícola a comissão executiva das deliberações—A C. S. T. do Porto manifesta o seu critério e toma resoluções definitiva

Dirige os trabalhos a mesma mesa da sessão anterior feita a chamada, verifica-se a presença de todos os já enunciados. Segue-se na ordem dos trabalhos.

António Costa não acha o n.º 2 muito claro. Entende que deve ficar o actual comité.

Franzino Ferreira discorda desta opinião concordando, antes, com a nomeação da comissão.

Joaquim de Sousa, da F. Metalúrgica, é da mesma opinião.

Manuel Nunes defende o princípio da nomeação da comissão por ser um princípio moral. A continuação do actual comité poderia acarretar novos dissabores, e daria a impressão de que estávamos a individualizar.

Não faz sentido dizer a Santos Arranha e a Manuel Joaquim de Sousa que se vão embora, ficando os restantes membros do comité. A comissão terá apenas por função dar despacho ao expediente confederal, atender os casos afectos ao conselho jurídico e orientar o jornal. Poderá não constar do estatuto, mas os organismos em face da situação anormal poderão resolver a melhor forma de salvaguardar a marcha da Organização. Há membros do comité que estão demissionários, mas como ninguém lhes concedeu ainda a demissão, poderão julgar-se no direito de voltarem ao comité.

Silva Campos declara continuar a defender o estatuto e o que se pretende fazer é contra-ê-lo. Não vê vantagem na nomeação da comissão, mas sim um entrave. Se o estatuto é a volta do comité de dois membros, Silva Campos e M. J. de Sousa, afirma que eles não voltarão à C. G. T.

Artur Alexio concorda que fique o comité.

Sebastião Marques, dos Manipuladores de Pão, diz não compreender porque se vai nomear essa comissão, a qual terá depois de depor o seu mandato, parecendo que merece agora confiança, e depois não. Não concorda que fique o comité porque ele não se entende entre si.

Joaquim de Sousa entende que a nomeação da comissão não é anti-confederal. Admite-se que só agora se invoquem os estatutos e diz que a realização duma conferência para debater o assunto seria inútil e prejudicial à Organização.

Domingos Gonçalves diz que, tendo-se afirmado que os delegados não voltarão ao conselho, não se poderá nomear a comissão e, por isso, parece-lhe mais viável que fique o comité.

Manuel Nunes explica que, desde que todos os delegados voltem a uma sessão, no próprio conselho nomearão a comissão. Por agora, acha inútil a volta dos delegados ao conselho, pois que na ordem dos trabalhos figura a continuação do debate. Concordaria com a volta dos delegados ao conselho se estes fossem dispostos a, por todos os meios, acabar com a discussão actual.

É nomeada a comissão para executar as deliberações tomadas

Por requerimento de Nunes põe-se à votação os n.ºs 3 e 4 da moção da F. Mobiliária e o alvitre da F. Calçado C. e Peles. São aprovados aqueles números, ficando prejudicado o alvitre e o n.º 2 da moção da C. Civil.

Põe-se à votação o n.º 3 da moção da C. Civil e o n.º 2 da moção dos mobiliários. Silva Campos diz que pelo critério dos mobiliários os indivíduos atingidos não poderão trabalhar sequer dentro dos Sindicatos visto não serem ilegais.

João Miranda diz que a sua Federação não concorda com os mobiliários pela dificuldade de substituir todos os delegados e ainda por que nem todos foram acusados.

Manuel Nunes explica os motivos porque a sua Federação propõe aquele número. A sua intenção foi honesta e moral, não pretendendo menosprezar a dignidade de qualquer delegado. Pretende ver constituído um novo conselho, ao qual não possa ser associada qualquer atitude menos digna. Não serão, talvez, intelectuais os novos delegados, mas serão, por certo, camaradas de boa vontade. De resto, todo o trabalho de organização que se vem destruindo, é obra dos chamados incultos, entre os quais há militantes que, a pesar de andarem nela há dezenas de anos, o seu nome não é conhecido através do país, como o de alguns que pouco ou nada têm feito. Se amanhã qualquer delegado à sombra desta resolução quiser abandoná-la as responsabilidades não poderão ser imputadas à sua Federação. Se esses indivíduos quiserem, com o amor que dizem ter à Organização, continuar trabalhando, têm nos Sindicatos e Federações vasto campo para isso.

Votados os números atrás apontados é aprovado o n.º 3 da C. Civil, cuja redacção é a seguinte:

Que nenhum dos actuais delegados, que tenha tomado partido por quaisquer dos contendores e fomentadores da grave questão em trânsito, volte a fazer parte do novo conselho.

Ficou portanto prejudicado o n.º 2 da moção dos mobiliários.

O n.º 4 da moção da C. Civil considera-se anulado pela aprovação do n.º 4 da moção dos mobiliários.

Põe-se à votação o n.º 5 da moção da C. Civil. Manuel Nunes é de opinião que se deve consultar primeiro os organismos presentes se estão dispostos a voltar a uma sessão do conselho para nomear a comissão. Se estão ela será lá nomeada, se não estão vale mais anular as resoluções já tomadas, pois que os poucos delegados que ainda restam no conselho optarão por que fique o comité.

Após uma troca de explicações entre João Miranda, Silva Campos, Domingos Gonçalves e Matias Rocha—F. Corticeira—é resolvido retirar este número da votação por contrariar resoluções já tomadas.

Põe-se à votação os n.ºs 5, 6 e 7 da moção da Federação Mobiliária que são aprovados.

Procede-se à nomeação da comissão para dar execução aos trabalhos aprovados sendo nomeados representantes das Federações que convocaram estas reuniões ou sejam das Federações C. Civil, Mobiliária, Metalúrgica e Vinícola.

Vários delegados declaram a sua retirada do Conselho Confederal

Silva Campos declara que a sua Federação não concorda com alguns dos trabalhos realizados mas não terá dúvida em se dirigir aos sindicatos seus aderentes expondo-lhes o que se passou.

Manuel Nunes entende que logo que a comissão tenha em seu poder a resposta favorável da maioria dos organismos se deve dirigir ao comité para que convoque o Conselho Confederal.

Silva Campos discorda, dizendo que o Conselho ainda funciona e que até poderá vir ao encontro do que aqui se resolveu.

Sebastião Marques diz que se os delegados não voltam ao Conselho, os que lá estão poderão tomar resoluções tendentes a destruir o que se resolveu aqui.

Silva Campos lembra que na mesa do Conselho existem documentos iguais aos que foram aqui presentes, e poderão ser lá votados.

Manuel Nunes lembra também que o debate no Conselho Confederal está muito longe de terminar. Nas últimas sessões, aproveitando-se o facto de alguns delegados abandonarem o Conselho, fez-se aprovar um documento que anulando outro que impedia que mais alguém se inscrevesse, permitia pelo contrário que todos se inscrevassem, sobre o debate, o que já sucedeu por parte de alguns dos causadores da actual situação. Portanto a volta, neste momento, dos delegados pode-lhes ser prejudicial pois que até involuntariamente poderão ser arrastados para o debate. Acha portanto preferível não voltar neste momento ao conselho, salvo nas condições que já apontou.

João Miranda declara que os delegados da Construção Civil não voltarão ao Conselho.

António Marcelino faz idêntica declaração. Estas declarações referem-se a enquanto durar o actual estado de coisas no Conselho. Outros delegados fazem idênticas declarações, não se tendo contudo tomado uma resolução definitiva sobre este assunto.

Manuel Nunes refere que o extrato das sessões seja publicada em A Batalha. É aprovado. Assenta-se ainda em que, se a comissão, o julgar necessário convocar uma nova reunião para dar conta dos trabalhos realizados.

Em seguida encerrou-se a sessão entre o maior entusiasmo da grande maioria dos delegados cujos organismos esperam salvar a Organização Operária da grave crise que vem de atravessar.

A Câmara Sindical do Porto define também a sua atitude

Em reunião do seu conselho geral, aquele organismo preconiza a imediata substituição do Conselho da C. G. T.

Reuniu terça-feira última, o Conselho Geral desta colectividade local. Pronunciando-se sobre o incidente levantado na C. G. T., depois duma discussão serena entre a maioria dos delegados, foi aprovada unanimemente a seguinte moção apresentada pelos delegados gráficis:

“Considerando que a questão que arrastadamente se vem debatendo na C. G. T. resvalou, de uns simples propósitos fiscalizadores, para um campo irritadamente personalista;

“Considerando que a volta deste desvio lamentável se constituiria dos grupos presentemente irreconciliáveis que mais agravaram o aspecto do conflito;

“Considerando que este estado de coisas, longe de prestigiar a organização operária e os princípios por que se norteia, antes os vem apocando, para cuja depressão moral e ideológica a ignóbil especulação da imprensa mercenária procura todas as facetas do exagero e, por vezes, da falsidade;

“Considerando que há uma corrente afirmativa de que alguns litigantes pretendem aproveitar-se da confusão para torcer a directriz combativa e ideológica da C. G. T., demarcada nos últimos Congressos;

“Considerando que um dos pontos da actual e triste discórdia fomentada na C. G. T. é a orientação que A Batalha tem seguido ultimamente com diversas campanhas levantadas;

“Considerando, finalmente, que acima dos homens está o prestígio e o futuro da organização sindicalista e revolucionária, urgente, portanto, um termo imediato ao citado pleito que nada depõe a favor da Causa trabalhadora e, *inso facto*, da Emancipação Humana;

A Câmara Sindical do Trabalho do Porto, reunida no seu Conselho Geral da noite de 3 de Agosto de 1926, resolve:

1.º Considerar estéril, desagregadora, incitativa para a especulação capitalista tirar os seus efeitos de frutuosa combatividade contra a organização operária—a discussão em trânsito, visto declinar para terreno impróprio;

2.º Indicar a todos os organismos aderentes à C. G. T. que a única solução do conflito latente está no afastamento por algum tempo, dos indivíduos que constituem o actual Conselho Confederal—sem, contudo, deixar de reconhecer os seus serviços prestados até à data da questão;

3.º Que os novos delegados ao Conselho Confederal devem ser escolhidos entre aqueles militantes que reconhecidamente tenham demonstrado a sua defesa pelos

princípios básicos em que assenta a estrutura da C. G. T.;

4.º Velar pela orientação que os Congressos imprimam à instituição superior e concatenadora dos esforços sindicalistas libertários da organização operária portuguesa;

5.º Que doravante o Conselho Confederal tenha mais assíduas funções controlantes dos artigos doutrinares e de combate que envolvam colidência com os princípios que a organização geral defende—ficando, no entanto, a parte técnica da redacção a cargo do respectivo chefe, como a gráfica está a cargo do respectivo chefe da tipografia;

6.º Fazer votos por que, depois desta tempestade muito natural dos grandes organismos, se note um revivimento da organização operária, para o que os militantes, acima das personalidades, devem colocar as ideias de libertação dos povos—moral, intelectual, profissional, económica e socialmente interpretando os seus princípios.

O delegado dos Confeiteiros apresentou, sendo aprovado, o seguinte:

Aditamento—Que conforme os considerandos e conclusões desta moção a Câmara Sindical do Trabalho substitua imediatamente os seus delegados ao Conselho Confederal.

Comissão das federações

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão nomeada nas reuniões de federações para tratar da circular a enviar aos restantes organismos que têm representação na C. G. T.

HORARIO DE TRABALHO

Um protesto do sindicato dos corticeiros de Lisboa

Em reunião da direcção do Sindicato dos Corticeiros de Lisboa foi resolvido protestar indignadamente contra os maneios das “forças vivas”, feitos no sentido de suprimir o horário de trabalho.

A direcção chama a atenção de todos os corticeiros para este facto e aconselha a que se recusem, com a maior firmeza e energia, a trabalhar mais de 8 horas.

Empregados de barbearia

Os empregados de barbearia entregaram uma representação à Câmara, pedindo que seja mantido o descanso semanal daqueles estabelecimentos ao domingo.

O documento deu entrada na Secretaria.

LUTA DE CLASSES

A crise de trabalho na Construção Civil

A comissão delegada do Sindicato Único da Construção Civil entrevistou o arquitecto Adães Bermudes acerca da admissão de operários canteiros nas obras dos monumentos nacionais. Aquele senhor declarou que a abertura das obras depende do decreto ministerial, prometendo, no entanto, interferir para um rápido despacho. A referida comissão vai hoje entrevistar outras entidades a propósito da crise de trabalho.

Secção Telegráfica

C. G. T.

Porto.—Câmara Sindical do Trabalho.

—Não temos descurado no Conselho Jurídico o assunto da sede da rua da Boa Vista.

Depois de várias tentativas, vamos novamente hoje, acompanhados do advogado, procurar avistar-nos com o ministro do Interior, a ver se conseguimos satisfação. Em seguida informaremos os de quem houver.

Federações

DO LIVRO, DO JORNAL E SIMILARES

Liga das Artes Gráficas de Évora.

—Enviamos ofício, mandem credencial para reunião de terça-feira.

“A Batalha” saudada pela Liga de Acção Educativa

Recebemos o seguinte ofício, que gostaríamos de transcrevermos:

“Profundamente grato ao carinho acolhimento dispensado pelo vosso jornal à Liga de Acção Educativa, a que v. ac. acaba de dar mais uma prova penhorante e insofismável com a recente publicação do nosso manifesto ao país, vem esta Comissão Executiva protestar a sua mais viva gratidão, significando o elevado apreço em que tem a gentilíssima e dedicada colaboração do porta-voz da organização operária portuguesa. E me particularmente grato ser o intérprete das saudações deste organismo educativo aproveitando o ensejo para sinceramente desejar ao órgão, etc.

Sena Cardoso, Secretário da Comissão de Propaganda.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete “Lourenço Marques” são hoje expedidas malas postais para a Madeira e África Ocidental e por via Funchal para a África Austral, Cabo da Boa Esperança, Elisabeth e África Oriental, sendo da Estação Central dos Correios a última tiragem da correspondência ordinária à 1 hora da tarde e para a registada recebe-se até às 11 horas da manhã.

Do cais da Fundação temos de receber correspondências até às 3,45 da tarde mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

INTERESSES DE CLASSE

Para que a situação económica do funcionalismo melhore urge que os componentes desta classe enveredem por outro caminho

O problema do funcionalismo que em Portugal tanto tem preocupado administradores e supostos administrados, começa também lá por fora a dar o seu contingente de trabalho aos indivíduos que a sorte ou a fatalidade colocou nos cadeiros ministeriais; assim e a pesar de toda a sua apregoada competência e preparação intelectual, uma das primeiras medidas tomadas pelo actual governo francês foi a proibição da manifestação do funcionalismo junto do parlamento.

A ida do funcionalismo ao velho palácio do paleio estafado e inútil, nada de novo traria decerto, pois que, sendo a fome e a miséria que ali os conduzia, lá como cá, por maior que ela seja e por mais atroz que se manifeste, sente-se diminuir, sempre que um ou outro dos pais da pátria que passam vida vadia e reglada, lhes fala na Pátria ameaçada ou na República em perigo, coisas que parecem suceder, sempre que os esfomeados se atrevem a reclamar mais um pouco de pão; e tanto assim é, que bastou que qualquer apalermado agente da ordem burguesa lhe dissesse que a manifestação estava proibida, para que essa fome se cobrisse e a razão de ser da manifestação desaparecesse ou se manifestasse com muito menos intensidade e entusiasmo.

A questão do funcionalismo que pelo lugar primário que lhe desempenha de há muito deveria deixar de ser uma questão nacional para ser internacional, uma vez que sendo o funcionalismo o próprio Estado, é quem mais se sacrifica e quem mais poderia contribuir para modificar a face da velha sociedade, está desde há muito caída em descrédito, pois que a maneira desdenhosa com que Poincaré a tratou em França é a maneira como em Portugal os governos a costumam tratar.

A forma como essa sinistra figura do antigo administrador do Redondo — António Maria da Silva — resolveu as reclamações de aumento de ordenado que lhe tinham sido dirigidas, são disso uma prova flagitante: se outras não houvesse, pois que vendo a fome a bater à porta de todos, apenas o preocuparam e atender, aqueles que pela natureza da sua profissão o podiam correr a bico de bota, isto é, os homens da ordem, da disciplina, que dias depois lhe atiravam com os pratos à cara.

Mas não tem sido só esse declarado inimigo do funcionalismo quem assim tem procedido, se bem que, por ser ele quem mais tempo tem tido as redeas do poder, tem sido de acordo com os seus protegidos e crónicos membros de São Bento quem mais asneiras tem feito. Presentemente a situação do funcionalismo é idêntica à de há três ou mais meses, não obstante as condições de vida terem variado bastante e as despesas do estado igualmente.

Classes há de funcionários, que pela insignificância do seu vencimento estão lutando com a mais precária das circunstâncias e isso não é coisa que preocupe estes ou outros estadistas provisórios, pois costumados aos grandes banquetes, ou encolhem os ombros com indiferença ou recordam desdenhosamente que a bróia, aquela celebrada bróia, que asfixiou a pobre martir de Braga, ainda não é tão cara que de um momento para o outro, como acabou de demonstrar não possa fornecer um bilhete de passagem para um outro mundo melhor.

Todos os homens que, ou estadistas militantes ou estadistas efectivos, passam pelas cadeiras do poder, sabem que indivíduos há, a quem por irritação se chama serventários dum Estado que pomposamente se diz a terceira ou quarta potência colonial que tinham verdadeiros pardiéis, moram em autênticas poças e têm tudo empenhado; mas também todos de antemão conhecem que esses indivíduos de forma alguma podem tentar um golpe de estado e solicitar de Primo de Rivera, do feroz ditador no receio que os políticos venais e corruptos lhe fujam das mãos, o encerramento da fronteira, ou o apoio da Sociedade das Nações, para que no caso do golpe vingam mas a desordem continuar, entregar a um soberano desde há pouco muito amigo dos Portugueses (sic) a gerência de Portugal. Pois se isso se desse e a pesar de todo o rigor do ditador nada mais fácil do que ele recusar-se a fechar a fronteira e a responder se algum para ali emigrasse seria tratado como político e não como criminoso e no caso de ser militar até os vencimentos lhe garantiria, como tampouco a Sociedade das Nações o atenderia, a não ser com uma situação provisória ou preparatória do regresso da monarquia.

Há pouco, e depois de cuidadosamente estudado, foi entregue ao governo na pessoa do chefe do gabinete da presidência, uma reclamação, que a ser atendida, feitas que fossem umas pequenas emendas, como a da criação da Caixa de Sobrevivência, de certo modo resolveria o caso em Portugal; mas estará ele resolvido a fazê-lo? e se o estiver não se farão rodear daquelas célebres criaturas que sempre em todos estes casos intervem e que pelo seu descomunal estômago, primeiro tratam de si e depois então dos outros, a quem julgam dum raça inferior ou diferente da sua? Não temos ainda recente, a poeira lançada aos olhos dos incautos na questão das acumulações em que parece cada um ter tido parte? Duvidamos que alguma coisa se faça, pois o funcionalismo não se une, não se agrupa, não se defende nem se impõe. A sua situação é angustiosa e duplamente prejudicada, prejudicada pela carestia de vida e prejudicada pelo aumento da circulação fiduciária.

Além deste prejuízo outro está iminente sobre diversas classes dependentes do Estado como os operários arsenistas, ferroviários, etc. No entanto, não se mexe não se agita, nem se importa, e de resto para que é que lhe custuma suceder e, o que é mais, que está num país em que ninguém quer ser igual burocraticamente, ainda que o seja intelectualmente ou profissionalmente para que lhe está um furo abaixo? Se assim é para que se há-de o funcionalismo ralar? Não vale a pena, pois que não morrer de fome morre de política e o assunto fica arrumado.

Paulo EMILIO

ASSINEM Os mistérios do Povo

NAS OFICINAS DA C. P.

O desrespeito pelos direitos e pela dignidade do pessoal operário atingiu o máximo

Um contra-mestre com 40 anos de serviço suspenso por falta de energia!

Este é um dos casos mais eloquentes. Não necessitamos de comentários nem de adjectivos violentos, se não fôra a indignação que nos causara.

Ele por si só, sintetiza o desdém, o abandono e a falta de consideração pelo honesto trabalho dos produtores ferroviários.

Ele revela a maior das injustiças. Neste, como em tantos casos idênticos, se constata o que permanentemente estamos afirmando: Está velho o operário; está gasto? Rua com ele, atire-se o seu corpo ao esteio, como qualquer máquina avariada e já cansada também. Não há diferença alguma. O caso de que hoje tratamos traduz simplesmente o maior insulto a quem durante quatro dezenas de anos, num extenuante e activo trabalho, curvou às mais negras necessidades e sacrificios, obtendo por vezes rasgados elogios — que sarcasmo! — de todo o seu esforço ao desenvolvimento da Companhia!

Foi com os velhos operários e empregados que a C. P. viu progredir consecutivamente os seus serviços, pagando-lhes sempre duma forma irrisória, mas nunca se atrevendo a cometer barbaridades como a de lá poucas semanas ainda e que serve de causa ao presente artigo.

Desde que veio para a frente das oficinas gerais um homem que, vivendo certamente despreocupado, sob o ponto de vista económico, não podendo calcular sequer as tremendas necessidades que esse velho já cansado e curvado pelos anos, — mas ainda cumprindo a missão que lhe está designada — tem atravessado, é que foi possível um caso desta natureza!

E o seu sofrimento moral?

Quem, como ele, que desde criança se pode dizer, ajudou a erguer, pedra por pedra, elemento por elemento, essa poderosa Companhia, dando-lhe a prosperidade que ela hoje apresenta, quem como ele, poderá sentir essa iniquidade?

Orientar um serviço, ferindo quem está sob a sua direcção, desprezando trabalho, aplicação e até os próprios sentimentos de dignidade dos seus colaboradores, é além dum erro crasso, um procedimento incorrecto, desleal e aviltante.

O caso em questão resume-se nisto: o conhecido engenheiro Sequeira queria que determinado trabalho de estôfo nas carruagens estivesse pronto numa data que o referido contra-mestre achou diminuta, objectando este por isso não ser muito provável completá-lo no mesmo dentro do período de tempo pelo engenheiro ordenado, o que bastou para dar a algumas horas, receber ordem de suspensão!

Ao que se fez constar por as instâncias, este castigo foi aplicado por falta de energia da parte do contra-mestre!

Parece incrível!

Enfim, uma observação razoável e que a prática de quarenta anos de serviço dá toda a autoridade para fazer, pode lá originar um atropelo dessa ordem?

Esses engenheiros não respeitam coisa alguma. Deseja que toda a gente se subjugue à sua vontade, por mais absurda que ela seja. Não admite observação alguma. Não se dá ao trabalho, superior a tudo, até à própria experiência, recorre ao castigo, numa disparatada atitude, só própria de cérebros obcecados pelo mando. Ou então trata-se dum doente e se assim é retirem-no de uma casa de saúde, para evitar remédios ainda mais desorientados. Evitem-no, mas não permitam que ele continue praticando actos que de certo modo devem envergonhar a Companhia. Sujeitá-lo a um tratamento especial pelo mesmo, a ver se o tornam mais equilibrado...

Mas, suponhamos que os nervos desse trabalhador atenuados, já não possuem a elasticidade e energia dos vinte anos? Aceitemos que assim seja, quando não tenhamos prova alguma disso, bem pelo contrário.

Então isso era motivo para se ofender, no seu brio de profissional, esse operário?

Então que disciplina é essa? É a perseguição de todas as maneiras, a fórmula de indiretamente às oficinas, pois parece foi esta a missão com que o designaram para dirigir as mesmas? Triste sina!

E se realmente o contra-mestre em questão está nessas condições, quem lhe consumiu a energia? Não foi a Companhia, onde ele se esgota há mais anos que talvez esse engenheiro tenha de idade?

Estupendo! Tremendamente revoltante!

E o pessoal, podeis ficar sabendo, todo este sente profundamente esse gesto como tantos outros cometidos sob o mais indigno deslumbre.

A indignação germina e dia virá que explodirá. É da história. Quanto maior oprimido, mais retumbante e enérgica se apresenta a revolta.

Aprende na história, senhores dirigentes das oficinas da C. P. Não vos glorieis, por terdes feito até agora o que vos há apetecido. Também os povos outrora foram verdadeiros escravos e hoje, se bem que explorados, já sabem por vezes pentear a sua pujança e virilidade. A não ser que se dê com os operários das oficinas da C. P. um caso único: Que os seus sentimentos se encontrem atrofiados, o que não é de acreditar. O seu passado elucidou-nos bem e levamos a reflectir no seu futuro.

Só não quer ver estas coisas quem tem a inteligência obliterada pela violência, quem tem a alma isolada, escondida, amantada, num egoísmo desmedido e lerdo, circundada por dois traçoícos venenos: a maldade e o ódio.

Um tiro misterioso

No Banco do Hospital de São José faleceu, ontem, momentos depois de ter dado entrada, Vitorino José Inácio Soares, de 26 anos, residente na rua dos Caminhos de Ferro, 116, 2.º, empregado na cabine telefónica dos chauffeurs na Avenida da Liberdade, próximo à rua dos Condes, e que ali foi ferido com um tiro de revólver, ignorando-se se se trata de um suicídio ou de desastre.

Vida Sindical

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Reúne-se hoje, pelas 21 horas, o conselho geral, para continuação dos trabalhos. É indispensável a comparencia de todos os delegados.

COMUNICAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.—Reúne-se o secretariado, tendo resolvido convocar o Conselho a reunir-se na próxima terça-feira, 10, para, entre outros assuntos, apreciar a actual situação na C. G. T., e deliberar sobre as resoluções tomadas na reunião de Federações, ultimamente realizada. Dada a importância dos assuntos, todos os organismos deverão instruir os seus respectivos delegados sobre a orientação a tomar.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação Mobiliária.—Conselho Federal.—Às 21 horas, para continuação de trabalhos.

Federação da Construção Civil.—Pelas 21 horas, a Comissão Administrativa. Sindicato Único da Construção Civil.—Comissão Escolar.—Pelas 21 horas, para assunto urgente.

Secção dos Pedreiros.—Pelas 20 horas, assembleia geral, com qualquer número, e, pelas 20 e meia horas, a comissão administrativa.

Compositores Tipográficos.—A direcção, pelas 18,30.

Litógrafos.—Pelas 19 horas, a comissão administrativa e delegados de oficinas.

Sindicato Metalúrgico.—Pelas 20 e meia horas, assembleia geral, com a seguinte ordem: Apreciar a atitude da comissão revisora de contas do ano de 1925; Apreciar a atitude do cobrador Jorge Ramos; Preenchimento de cargos vagos e assuntos diversos.

Secção de Belem.—Pelas 21 horas, assembleia geral, para se ocupar da atitude da comissão revisora de contas, do cobrador Jorge Ramos, preenchimento de cargos vagos e outros assuntos.

Pintores de Construção Naval e Anexos.—Pelas 20 horas a direcção.

Empregados no Comércio e Indústria.—Pelas 22 horas, a Comissão de Melhoramentos, para apreciar os seguintes assuntos: Horário de trabalho e fiscalização do mesmo; trabalhos de sapa das Associações Patronais; agravamento do custo da vida; conflito sindical; immoralidades, esbanjamentos e incompetência da actual situação estatal portuguesa.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Federação.—Comitê Federal.—Reúne-se hoje pelas 20,30 horas.

Comissão Redactorial.—Reúne-se hoje, pelas 20,30 horas.

Núcleo de Lisboa.—Reúne-se hoje, pelas 21 horas, o secretariado central.

Secção de Belem.—Reúne-se hoje, pelas 20 horas, a comissão de inquérito, devendo comparecer para prestar declarações todo o secretariado sectional.

SOLIDARIEDADE

Pró-Firmo Henrique Sequeira

Realiza-se depois de amanhã, no Salão de Festas da Construção Civil, a festa em homenagem ao militante da organização do mobiliário Firmo Henrique Sequeira.

A festa, que principia às 21 horas, tem o seguinte programa: 1.ª parte: representação do drama “Que pena ser só ladrão”; variações de fado pelo exímio guitarrista Armando Augusto Freire (Armandinho); será acompanhado pelo seu violão Abel Negro; 2.ª parte: representação da comédia “Médico mania”; 3.ª parte: Cancão nacional pelos cultivadores Artur Almeida, João Maria dos Anjos, Armando Barata, Manuel Portugal, Joaquim Campos, Alfredo Santos (Correio), Raúl Brinque, Júlio Proença, Alfredo Duarte (Marceneiro) e Gervásio de Sousa.

Tomam também parte na festa, além do grupo dramático Solidariedade Operária, os irmãos Carvalhinhos e um apreciado grupo musical.

Pró-Silvério dos Santos

É no próximo domingo, pelas 15 e meia horas, que se realiza a grandiosa “matinée” no Teatro Inicível Almadense, para auxílio a Silvério dos Santos, activo militante da organização corticeira, actualmente internado no hospital do Desterro por motivo duma grave doença.

A comissão organizadora desta festa está muito grata para com o grupo e mais camaradas a quem se dirigiu para que resulte grandiosa a “matinée” em auxílio de Silvério.

Do programa consta uma conferência pelo nosso camarada Mário Domingues, seguindo-se-lhe o concílio poético e social pelo Grupo Solidariedade Moscovitense. Os bilhetes que ainda restam encontram-se à venda na sede da Sociedade Cooperativa de Consumo Piedade, na Barbearia de Aurélio da Silva, em Mutele, na Barbearia de João Baço, em Almada e no estabelecimento de José Malaquias, em Cacilhas.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Subsídios